

# Nasreddin Khodja: origens, percursos e facetas de um herói popular

*Christiane Damien*<sup>1</sup>

**Resumo:** O humor, a sabedoria, a astúcia e a sandice são traços marcantes de Nasreddin Khodja, personagem presente no folclore da Turquia e de mais de 40 países da esfera de influência turco-islâmica, desde os Bálcãs até a China. Personagem ainda pouco conhecida no Brasil, o presente artigo tem o objetivo de apresentar as discussões a propósito de suas origens e suas características, bem como sua difusão e a disseminação de suas anedotas no Oriente e no Ocidente, envolvendo, inclusive, a esfera digital.

**Palavras-chave:** Nasreddin, Nasrudin, Juḥā, Djuḥā, Idries Shah.

## NASREDIN KHODJA: ORIGINS, PATHS AND FACETS OF A POPULAR HERO

**Abstract:** Humor, wisdom, cunning and nonsense are salient features of Nasreddin Khodja, a character present in the folklore of Turkey and more than 40 countries in the sphere of Turkish-Islamic influence, from the Balkans to China. A character still little known in Brazil, the present article aims to present the discussions about its origins and particularities, as well as its diffusion and the dissemination of its anecdotes in the East and the West, including the digital sphere.

**Keywords:** Nasreddin, Nasrudin, Juḥā, Djuḥā, Idries Shah.

Presente no folclore da Turquia e de dezenas de outros países da esfera de influência turco-islâmica, desde os Bálcãs, no sudeste da

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras na área de Estudos Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

Europa, até a Região Autônoma Uigur de Xinjiang, no noroeste da China, Nasreddin é protagonista de narrativas contadas e recontadas desde o final da Idade Média. O humor, a sabedoria, a astúcia e a sandice são traços marcantes desse herói popular de anedotas, piadas, ditos proverbiais e espirituosos que fazem o regalo de ouvintes em cafés, casas de chás, conversas cotidianas, como também divertem e estimulam a reflexão de leitores e espectadores por meio de sua circulação em livros, revistas, jornais, quadrinhos, desenhos animados, teatro de bonecos, séries, filmes etc. Nessa vasta região da Eurásia, muitos adeptos de Nasreddin tentam naturalizá-lo; entretanto, baseando-se na tradição letrada, pesquisadores – como os folcloristas Pertev Naili Boratav (1907-1998) e Albert Wesselski (1871-1939), e os arabistas Charles Pellat (1914-1992) e Ulrich Marzolph (1953-) – tendem a reconhecer suas origens na Anatólia, onde hoje se situa a maior parte da Turquia<sup>2</sup>, a partir da qual ele teria se espalhado para territórios da Ásia e da Europa.

Em torno de seu local de origem, há ao menos duas importantes questões que envolvem a gênese de Nasreddin: a primeira suscita dúvidas quanto à sua autenticidade ao ponderar se ele nada mais seria do que uma versão turca de Djuḥā (ou Juḥā), personagem do folclore árabo-islâmico a cujo caráter ele é semelhante; a segunda, sob outra perspectiva, discute se tal figura teria existência histórica.

Com foco na história da transmissão de textos, a primeira questão é bastante complexa e, por isso, vem sendo alvo de discussões desde o início do século XX<sup>3</sup>. Quem primeiro pôs em xeque a autenticidade turca de Nasreddin foi o orientalista René Basset (1855-1924) ao considerar que, cronologicamente, a personagem de Djuḥā, bastante conhecida nos países árabes do Levante e do Magrebe, bem como em regiões da Itália (onde é conhecido como Giufà ou Giucca entre os sicilianos, calabreses e

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre esse tema, conferir: BORATAV, Pertev Naili. Autour de Nasreddin Hoca. *Oriens*, v. 16, p. 194-223, 31 dez. 1963; PELLAT, Charles. Djuḥā. In: *EI2*, t. II, p. 590-592; MARZOLPH, Ulrich. Naṣr al-Dīn Khodja. In: *EI2*, t. VII, p. 1018-1019.

<sup>3</sup> Cf. CHRISTENSEN, Arthur. Jūḥī in the Persian Literature. In: ARNOLD, T. W.; NICHOLSON, R. A. (orgs.). *A Volume of Oriental Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922. p. 129-136; DÉJEUX, J. Djoḥa et la nâdira. *Revue du monde musulman et de la Méditerranée*, n. 77-78, p. 41-49, 1995.

toscans), é bem anterior à de Nasreddin Khodja, pois o *Livro de anedotas de Djuḥā*/كتاب نوادر جحا [*Kitāb nawādir Djuḥā*] é citado no *Kitāb al-Fihrist*<sup>4</sup> (987-8), compêndio do livreiro de Bagdá Ibn al-Nadīm (m. 995), enquanto a menção mais antiga ao herói turco data de 1480, como veremos mais adiante. A hipótese lançada por Basset fundamenta-se na ideia de que “no século XV ou XVI, essa coletânea [*Kitāb nawādir Djuḥā*], já passada ao Ocidente *por transmissão oral*, fora traduzida para o turco, tendo como personagem principal certo Nasr eddin Hodja”<sup>5</sup>, personagem cuja existência, segundo o orientalista, é “no mínimo duvidosa”.

No entanto, mediante estudos filológicos, tal hipótese passou a ser posteriormente contestada por pesquisadores como Christensen e Marzolph, para quem a tradução turca do antigo *Kitāb nawādir Djuḥā* nunca fora feita; conseqüentemente, as anedotas de Nasreddin Khodja presentes em manuscritos mais antigos seriam fruto de uma coleção independente, na qual teriam sido acrescidas histórias de circulação oral pertencentes ao antigo livro árabe de Djuḥā<sup>6</sup>. Por essa perspectiva, a tradição narrativa de Nasreddin e de Djuḥā, documentada em suas coleções de manuscritos, teria sido desenvolvida separadamente até meados do século XIX, quando ocorreu de maneira direta e manifesta a reunião de ambos os repertórios na tradição letrada – algo que na tradição oral dos povos da região do Mediterrâneo já acontecia mais lentamente –, mediante adaptações do texto turco de Nasreddin para o árabe, como é o caso da edição de Būlāq de 1880 cujo surpreendente título é *Anedotas de Khūdja Nasruddīn apelidado de Djuḥā de Rūmī* /

<sup>4</sup> IBN al-NADĪM, Abū al-Faraj Muhammad. *Kitāb al-Fihrist mit Anmerkungen herausgegeben von Gustav Flügel*. Leipzig: Verlag von F. C. W. Vogel, 1871. p. 313.

<sup>5</sup> Cf. BASSET, René. Recherches sur Si Djoh'a et les anecdotes qui lui sont attribuées. In: MOULIÉRAS, A. *Les fourberies de Si Djeh'a, contes kabyles*. Paris: Ernest Leroux, 1892. p. 14.

<sup>6</sup> CHRISTENSEN, Arthur. Jūhī in the Persian Literature. In: ARNOLD, T. W.; NICHOLSON, R. A. (orgs.). *A Volume of Oriental Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922. p. 130; MARZOLPH, Ulrich. Naṣr al-Dīn Khodja. In: *EI2*, t. VII, p. 1018.

<sup>7</sup> A locução “de Rūmī” indica a região central da Anatólia que pertencera ao Império Romano do Oriente e que fora progressivamente conquistada pelos turcos a partir do final do século XI. Para maiores detalhes sobre essa expressão, cf. nota 13.

نواذر الخوجة نصر الدين الملقب بجحا الرومي [Nawādir al-Khūdja Naṣr al-Dīn al-mulaqqab bi-Djuḥā al-Rūmī]. A partir dessas edições impressas em língua árabe, os egípcios uniram Nasreddin e Djuḥā em uma única figura, fundindo, desde então, seus repertórios narrativos. É, entretanto, importante lembrar que, embora a confusão entre ambas as personagens seja muito comum ainda hoje, há um traço diferencial no caráter delas que se apresenta em seus manuscritos turcos e árabes mais antigos: enquanto na tradição turca há, em uma série de anedotas de Nasreddin, um gosto marcado pela sexualidade, na tradição árabe, tal traço não se apresenta como um elemento distintivo nos textos de Djuḥā.

Até o momento, os manuscritos turcos das narrativas de Nasreddin de que dispomos não permitem conclusões definitivas quanto à sua gênese, dando margem a outras possibilidades, como é o caso das pesquisas que defendem sua origem mameluca ou fatímida no Egito<sup>8</sup>. Da mesma maneira, os diferentes elementos materiais descobertos até o presente não permitem afirmações categóricas acerca de sua existência histórica, o que desperta discussões fervorosas seja no âmbito do interesse acadêmico, seja na esfera do interesse comercial, uma vez que a figura de Nasreddin Khodja atrai a atenção de inúmeros turistas, especialmente na Turquia.

Diante desses impasses, ao lado da abordagem vertical da filologia e da história da transmissão dos textos para a discussão da gênese de Nasreddin, consideramos também importante uma abordagem horizontal, baseada nas marcas do pensamento-espço-tempo<sup>9</sup> manifestas em diferentes elementos materiais. Continuando, então, no propósito de abordar suas origens, como também de tratar da questão de sua existência histórica, já anunciada anteriormente, e avançar para suas facetas e percursos, destacaremos, a seguir, determinados traços, melhor dizendo, marcas de Nasreddin em diferentes elementos materiais e imateriais que não só o situam no espaço e no tempo, mas que também fazem

<sup>8</sup> DÉJEUX, J. Djoḥa et la nâdira. *Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*, n. 77-78, p. 43, 1995.

<sup>9</sup> Para mais detalhes, cf. ATTIE FILHO, Miguel. *Marcas e pensamentos: notas a uma História do Pensamento da Terra*. São Paulo: Attie, 2015.

dele figura engendrada por diálogos culturais entre diferentes povos e, principalmente, uma marca no pensamento-espaco-tempo. Veremos que um exame mais atento dos traços distintivos dessa personagem e de suas narrativas evidencia, sob a presença de entrelaçamentos culturais, uma marca do pensamento místico situado, em particular, na Anatólia do final da Idade Média.

Primeiramente, partindo da denominação de nosso herói popular, observamos a presença das heranças grega, persa e árabo-islâmica na própria configuração do(s) nome(s) da personagem. Essas heranças culturais manifestas na identificação do protagonista de inúmeras anedotas não provoca estranheza se considerarmos que na Anatólia do final da Idade Média – de onde vem o mais antigo registro do nome de Nasreddin Khodja, como veremos adiante – há a intensa convivência entre bizantinos – falantes do grego e, como se sabe, grandes herdeiros da cultura greco-romana – e turcomenos – povos asiáticos de cultura turco-persa e de religião islâmica. O nome Nasreddin vem do árabe نصر الدين [*Naṣr al-Dīn*] / “vitória da fé”, sendo imediatamente seguido pelo título honorífico *khodja* (grafado *hoca* na ortografia turca moderna), palavra vinda do persa clássico خواجه [*khwādja*]<sup>10</sup> / “mestre”, “senhor”, empregada de diferentes modos no mundo islâmico medieval para designar homens de distinção, entre os quais eruditos, vizires, homens ricos, mercadores e professores, função esta, aliás, cumprida pelo nosso herói em várias anedotas em que aparece como professor de escola corânica. Por vezes, ele é chamado de efendi, do turco *efendi* a partir do grego *αυθεντης*; esse título, em uso na Anatólia turca desde o século XIII ou XIV, é costumeiramente posposto ao nome próprio de magistrados, de dignitários religiosos, de sábios, de eruditos, e é semelhante à palavra “mestre” ou “senhor” em língua portuguesa. Já em outras localidades da Ásia, essa personagem também recebe o título de mulá, do persa ملا [*mollā*] a partir do árabe مَوْلَى [*mawlā*], “mestre”, o qual é conferido, sobretudo no mundo turco-iraniano e indo-paquistânês, a personalidades religiosas, a autoridades com profundo conhecimento da religião e das

<sup>10</sup> Não se trata, portanto, de uma distorção do nome da personagem árabe Djuhā, como já sugeriram alguns pesquisadores. Para maiores detalhes, cf. MARZOLPH, Ulrich. *Naṣr al-Dīn Khodja*. In: *EI2*, t. VII, p. 1018.

leis islâmicas. Em termos de seus percursos no espaço e no tempo, no fio dos séculos suas anedotas ultrapassaram as fronteiras geográficas da Anatólia, sobretudo mediante a expansão do Império Otomano a partir do século XIV, fazendo a figura de Nasreddin se popularizar e adquirir as cores locais das diferentes regiões em que adentrava, a começar, mais uma vez, por seu nome: na Grécia, por exemplo, ele é Nastradin Hotzas (Ναστραδίν Χότζας); na Albânia, Nastradin Khodja (Nastradin Hoxha); na Macedônia, Nasradin-Odja (Насрадин-Оџа); na Bósnia e Herzegovina, Nasruddin Khodja (Nasruddin Hodža); na Polônia, Khodja Nasreddin (Hodža Nasreddin); na Bulgária, Nastradin Khodja (Настрадин Ходжа); na Romênia, Nastratin Hodjea (Nastratin Hogeia); no Turcomenistão, Nasreddin Ependi; no Uzbequistão, Afandi; na China, Afantí (阿凡提); no Irã, no Afeganistão e na Índia, Mulá Nasruddin (ملا نصر الدین/ मुल्ला नसरुद्दीन), tal como o conhecido escritor britânico sufi de origem indo-afegã Idries Shah (1924-1996) o nomeia em seus livros.

Além das marcas desse diálogo cultural entre diferentes povos, gravadas nas variantes de seu nome, determinadas marcas relativas às suas origens e à sua personalidade histórica também evidenciam, no mínimo, o grande interesse pela figura de Nasreddin. Sua suposta existência é situada pela tradição popular e letrada entre o século XIII e os primeiros anos do século XV, na região centro-sul da Anatólia; mais precisamente, ele teria nascido no vilarejo de Hortu, próximo à cidade de Sivrihisar, na província de Eskisehir, e teria passado a maior parte de sua vida em Akshehir, na província de Konya (chamada Iconium na Antiguidade clássica), onde teria morrido. Em Akshehir, encontra-se seu mausoléu, construído no início do século XX, em substituição a outro, bem mais antigo, o qual, segundo a lenda, teria sido projetado pelo próprio Nasreddin. Trata-se, na verdade, de um cenotáfio, em cuja lápide está gravado o número 386, o qual, considerando seu humor, foi interpretado como sendo a data invertida de sua morte, ou seja, 683 do calendário islâmico, correspondente aos anos 1284-1285 do calendário cristão. Em termos de vestígios materiais, há, também, em um dos muros desse mausoléu, uma inscrição feita por um cavaleiro (*sipāhī*) do sultão otomano Bayezid I (1354-1403), datada do ano cristão de 1393, o que levaria a rejeitar a hipótese de que o suposto Nasreddin histórico teria vivido em torno do século XV, se se considerar que esse mausoléu de fato lhe pertence.

Ao lado desses relatos e desses registros em construções que testemunham, no mínimo, a forte presença dessa personagem no imaginário popular, há também testemunhos de eruditos que o mencionam como personalidade histórica, influenciando não apenas a tradição oral ao longo do tempo, mas também as mais atuais discussões de pesquisadores. Notadamente, destacamos o testemunho do conhecido autor e viajante turco Evliyâ Çelebi (1611-c. 1684), que, em *Seyāḥatnāmeḥ*, além de relatar sua visita ao túmulo de Nasreddin, também cita uma anedota<sup>11</sup> na qual essa personagem é retratada em companhia de Tamerlão, o Coxo (*Tīmūr-e Lang*, reg. 1370-1405), conquistador tártaro que invadiu a Anatólia em 1402. Outro exemplo de registro que sustenta a existência histórica de Nasreddin em torno do século XV é o de Dimitrie Cantemir (1673-1723), erudito príncipe da Moldávia que durante vinte anos viveu em Constantinopla, atual Istambul. Em sua obra *Historia incrementorum atque decrementorum Aulæ Othomanicæ*, escrita entre 1714 e 1716, ele registra que livros turcos por ele consultados traziam o encontro entre Tamerlão e Nasreddin, a quem Cantemir confere o epíteto de “Esopo dos turcos”<sup>12</sup>. Um desses registros relata que Nasreddin teria impedido o saque da cidade de Yenishehir por Tamerlão graças às suas fábulas, que encantaram o brutal conquistador a ponto de fazê-lo se esquecer de seu terrível intento – estratégia, aliás, bastante similar à da grande artífice da matéria narrada, Shahrazād, personagem símbolo da palavra sustentada sob o fio da espada no livro das *Mil e uma noites* e, portanto, protagonista por excelência na arte de narrar em troca da conservação da vida.

Diferentes registros em torno da figura de Nasreddin, como os que aqui citamos, engendram suas origens na Anatólia e, sobretudo, alimentam hipóteses acerca de sua suposta existência histórica. Ao lado dessas fontes, novos fatos e circunstâncias de sua vida vêm se tornando cada vez mais detalhados à medida que se distancia a época de sua suposta vida, como ocorre com demais tradições populares, o que, sem dúvida, evidencia a forte presença dessa personagem no cenário cultural turco,

<sup>11</sup> Cf. MARZOLPH, Ulrich. Naşr al-Dīn. In: *EI2*, t. VII, p. 1018.

<sup>12</sup> Para os vários registros sobre Nasreddin, cf. CANTEMIR, Dimitrie. *Histoire de l'Empire Othoman où se voyent les causes de son aggrandissement et de sa décadence*. Paris: Chez Despillay, 1743. p. 58. Tomo 1.

mas que também, por outra perspectiva, pode alimentar somente meras especulações. Assim, se por um lado há quem defenda veementemente sua personalidade histórica, por outro, há quem defenda que ele seja tão só uma ficção criada por contadores de histórias.

Passando agora à materialidade dos textos narrativos, é significativo observar que a tradição situa Nasreddin em períodos bastante importantes da História da Turquia, evocados em suas anedotas por meio de fatos e personagens históricos, pela menção de lugares, por retratos de hábitos e costumes, bem como por referências que marcaram o pensamento da época, como é o caso do sufismo, corrente mística do Islã. Em anedotas ambientadas no século XIII, por exemplo, Nasreddin Khodja interage com personalidades históricas, entre as quais o sultão Alaoddin Keykabad I (reg. 1220-1237), o mais destacado monarca do Sultanato Seljúcida de Rūm<sup>13</sup> (c. 1081-1308), dinastia turca descendente dos Grandes Seljúcidas que governaram a Pérsia, o Iraque e a Ásia Central, adepta do Islã sunita e fortemente influenciada pela cultura persa. Ao circunstanciar a existência de Nasreddin ao longo do século XIII, a tradição situa grande parte de sua vida na região de Konya, capital do Sultanato Seljúcida de Rūm, em um momento de pujança econômica e, em especial, de grande florescimento cultural, atestado, sobretudo, pela presença de pensadores, místicos sufis e poetas muçulmanos que ainda hoje são admirados, estudados, lidos e recitados em diferentes partes do mundo. Entre eles, destacamos, em primeiro lugar, o andaluz Ibn 'Arabī (1165-1240), que viveu em Konya e em Malatya, onde escreveu obras como *Epístola das luzes* (*Risālat al-anwār*) e *Termos técnicos sufis* (*Işīlāḥāt al-ṣūfiyya*); seu amplo conhecimento das ciências esotéricas e exotéricas foi uma referência para os sufis, como

<sup>13</sup> Na tradição islâmica desse período, a palavra *rūm* refere-se, em geral, ao mundo greco-romano, podendo, portanto, designar os romanos, os gregos e, mais frequentemente, os bizantinos ou seus respectivos impérios. É importante lembrar que o termo "bizantino" foi cunhado apenas no século XVI na Alemanha e que, portanto, os habitantes do que foi chamado Império Bizantino o reconheciam apenas como Império Romano, tal como se apresenta no léxico árabe. Assim, no nome da dinastia seljúcida, em particular, a locução "*de rūm*" designa o centro-sul da Anatólia que pertencera ao Império Romano do Oriente (330-1453), um império cristão greco-oriental. Atualmente, o Sultanato Seljúcida de Rūm também é chamado pelos turcos de Estado Seljúcida da Anatólia (*Anadolu Selçuklu Devleti*).



também despertou o respeito e a admiração de sultões seljúcidas. Yunus Emre (m. 1320-2), poeta turco e místico, é outro nome importante no meio cultural da época; sua poesia teve importância central na disseminação da doutrina sufi na Anatólia. E, por fim, destacamos o poeta sufi de origem persa Djalāl al-Dīn Muḥammad Rūmī (1207-1273), autor de *Masnavī Ma'nāwī*, longo poema escrito em persa; ele passou a maior parte de sua vida na Anatólia (daí a justificativa de seu último nome, isto é, Rūmī) e estabeleceu, em Konya, as bases da ordem Mevlevi, conhecida no Ocidente como ordem dos dervixes rodopiantes, influenciando profundamente o sufismo.

Conforme podemos observar, a tradição costuma situar Nasreddin Khodja em um período de importantes autores do sufismo. Essa ampla circulação do pensamento místico na Anatólia do século XIII marca de tal forma a figura de Nasreddin Khodja que, no fio dos séculos, o caráter dessa personagem foi também tecido por tons da mística islâmica em textos da tradição letrada, de maneira que o próprio protagonista Nasreddin Khodja tornou-se uma marca desse tipo de pensamento. A associação da figura de Nasreddin à corrente mística do Islā pode ser observada em textos desde o final do século XV, isto é, duzentos anos após sua suposta morte; como exemplo, temos uma interpretação mística da personalidade de Nasreddin Khodja em *Saltuknāme*, um épico escrito por Ebu 'l-Khayr Rūmī em 1480, no qual nosso protagonista aparece como um dervixe, cujo mestre é o mesmo do lendário dervixe Sari Saltuk<sup>14</sup>; por sinal, até o presente, esse é o documento mais antigo em que é mencionado o nome de Nasreddin Khodja. Na esteira dessa tradição mística, Nasreddin protagonizou inúmeras historietas imbuídas de sabedoria sufi e, assim, mantendo seus traços peculiares de associar sandice e astúcia, essa personagem acabou por participar da transmissão de certos aspectos dessa corrente mística do Islā até os dias de hoje, como é o caso, sobretudo, das publicações de Idries Shah, que inscrevem Nasreddin na esfera do pensamento sufi. É, entretanto, importante lembrar que a relação entre Nasreddin Khodja e a mística sufi é uma das facetas dessa personagem, uma vez que, na passagem dos séculos e na amplidão dos

---

<sup>14</sup> Cf. BORATAV, Pertev Naili. Autour de Nasreddin Hoca. *Oriens*, v. 16, p. 194-195.

espaços onde ele habita o imaginário de vários povos, tal personagem coleciona outras faces, cristalizando uma série de anedotas, aforismos, provérbios e piadas de diversas origens e de diferentes personagens burlescas da tradição popular.

Como já mencionamos anteriormente, em termos de sua gênese e de sua personalidade histórica, para além do século XIII, a tradição oral e a tradição letrada também circunstanciam Nasreddin Khodja na Anatólia entre os séculos XIV e XV, ao colocá-lo em diálogo com Tamerlão, muitas vezes até mesmo no interior de sua corte, ocupando a função pouco provável de bufão conselheiro. Por essa perspectiva, em termos históricos, Nasreddin teria presenciado a aurora do Império Otomano, governado por sultões como Bayezid I, e teria travado contato com Tamerlão antes da sangrenta Batalha de Ancara, quando o sultão turco-otomano Bayezid I fora capturado e preso pelo conquistador tártaro em 1402, e morto em cativeiro no ano seguinte, conduzindo a uma crise de sucessão no império nascente e ao adiamento da tomada de Constantinopla pelos otomanos por meio século<sup>15</sup>. Tendo em vista tal circunstância, não podemos deixar de notar que o riso, o deboche, a ironia que engendram as muitas anedotas protagonizadas por Nasreddin em companhia de Tamerlão soam como uma revanche dos turcos contra a figura do violento conquistador e, talvez, como um meio de lidar com a memória desses tempos penosos de disrupção, marcados pela violência, pelo temor, pela fome e pela morte. Quanto à função exercida por Nasreddin em tais anedotas, a tradição subverte a História ao fazer de nosso Khodja o bufão conselheiro de Tamerlão, uma vez que, segundo registros históricos, como o de Hammer (1774-1856)<sup>16</sup>, o conquistador tártaro não era nada afeito a bufões.

Em suas narrativas, afora as relações com os poderosos, nas quais ocorrem mais claramente referências ao tempo histórico de Nasreddin, há também situações cotidianas envolvendo esposas, filhos, discípulos, vizinhos, juízes, religiosos, seu asno e situações dele consigo mesmo. Nem

<sup>15</sup> Sobre a invasão de Tamerlão na Anatólia, a Batalha de Ancara e suas consequências, conferir HAMMER-PURGSTALL, Joseph Freiherr von. *Histoire de l'Empire Ottoman*. Paris: Imprimerie de Béthune et Plon, 1844. p. 112-138. Tomo 1.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 113.

rico nem poderoso, ele aparece, às vezes, como um simples camponês ou, então, desempenhando as funções de cádi (juiz muçulmano), de pregador ou de professor, como sugere o próprio título Khodja, mas, na maior parte das anedotas, ele é um aldeão apegado ao seu pequeno pedaço de terra e sempre de olho no quintal de seu vizinho. Em tais narrativas presentes em manuscritos turcos, o mundo de Nasreddin, seja em suas relações com poderosos, seja em sua vida prosaica, é engendrado por diferentes referências à cosmovisão, aos hábitos e costumes, às crenças presentes na Anatólia medieval, resultantes do legado de povos que ali deixaram suas marcas culturais. *Grosso modo*, algumas dessas referências que engendram as narrativas de Nasreddin Khodja são, por exemplo, na esfera das ciências, a Astronomia, a Astrologia e a Medicina, saberes estes bastante caros ao mundo árabo-islâmico medieval; na esfera dos hábitos e costumes, o *ḥammām*, banho turco herdado das termas romanas; na esfera militar, o arco e flecha, arma símbolo dos seljúcidas; e na esfera mística, há, de maneira mais evidente, a figura do *qalandar*<sup>17</sup>, dervixe com barba, sobrancelhas e cabeça raspadas que, no século XIII, além de vagar como andarilho, vivia em monastérios espalhados pela Anatólia.

Esses vários elementos histórico-culturais elencados erigem Nasreddin Khodja e seu mundo. Eles são, portanto, registros materiais e imateriais (não se pode esquecer a transmissão oral) que fazem de Nasreddin um herói popular turco, situado na Anatólia entre o século XIII e o início do XV, uma personagem cuja personalidade histórica é incerta, um protagonista engendrado sob o diálogo de diferentes povos e, da mesma maneira, uma marca do pensamento-espaco-tempo, na medida em que é, também, moldado pelo pensamento místico sufi cultivado nessa época e nesse lugar.

<sup>17</sup> Nome dado aos membros de uma classe de dervixes atuante, especialmente no século XIII, no mundo islâmico, em uma área que se estendia do Turquestão, no leste, até o Marrocos, no oeste. Os dervixes, entre persas e turcos, mais estritamente, designam religiosos mendicantes, chamados em árabe de faquires. Cf. YAZICI, Tahsin. Kalandar, Kalandariyya. In: *EI2*, t. IV, p. 472-474. Sobre as diferenças e as relações entre sufis, dervixes e *qalandaris*, cf. TRIMINGHAM, J. Spencer. *The Sufi Orders in Islam*. London: Oxford University Press, 1971. p. 264-269.

Passando, agora, propriamente, aos traços psicológicos desse herói popular, o que primeiro nos chama a atenção é sua ambiguidade. Imbuído de um caráter ambivalente, com traços do simplório e do finório, do tolo e do ladino, ele estabelece relações entre coisas que aparentemente nada têm a ver entre si, evidencia a brutalidade do real, afrouxa as convenções. Com tal perspectiva, o Khodja protagoniza anedotas que não apenas divertem, mas que também nos fazem refletir, pois as múltiplas situações evocadas em suas histórias dialogam com as que ainda hoje vivemos. Ao presenciar seu caráter tão peculiar, engendrado por tais traços aparentemente inconciliáveis, muitas vezes rimos, perplexos, sem saber se sua estratégia é fazer-se de idiota ou se sua idiotice é tamanha que chega a desarmar a lógica de seu interlocutor. Muito diferente do herói épico, Nasreddin Khodja configura-se, muitas vezes, como um anti-herói, uma vez que, além de se mostrar insolente, covarde ou atrevido em várias de suas historietas, também não hesita em roubar quando pode fazê-lo. Não se trata, portanto, de um humor centrado apenas em sátira social, mas também na sátira de concepções de vida, de valores, de ideologias, e que não deixa de desafiar a figura dos poderosos. De todo modo, a peculiaridade de seu caráter engendra inumeráveis anedotas que nos convidam a explorar o mundo sob diferentes perspectivas, a refletir sobre o comportamento humano, a pensar sobre nós mesmos, sobre o Outro, sobre o Eu e o Outro.

O caráter peculiar de Nasreddin Khodja se desdobra em seu método, que desafia a lógica e apoia-se no relativo, fazendo surgir o absurdo; nas anedotas, tal método fragiliza as fronteiras do verdadeiro e do falso, da inteligência e da idiotice, tendo como resultado o riso e a reflexão para questões complexas como: *qual é a realidade? Eu sou eu?* Tais questionamentos, aliás, são mais evidentes nas narrativas em que Nasreddin, estranhamente, se despoja de sua identidade, como é o caso da anedota em que ele, sem conseguir achar sua casa, pede ajuda a um passante que, prometendo encontrá-la, o conduz a um monastério de *qalandaris*; no decorrer da madrugada, os dervixes raspam-lhe toda a cabeça enquanto ele dorme e, no dia seguinte, ao sair dali, passa por uma fonte, olha-se no espelho d'água e não mais se reconhece; ao chegar à sua casa, ele diz à sua esposa: "ó mulher, alguém me trocou por um *qalandar*; você por acaso não tem notícias de mim? Pelo menos, eles me devolveram

minha casa!"<sup>18</sup>. Nessa anedota, se as coisas que circundam Nasreddin Khodja aparentam estar no mesmo lugar, ele próprio, depois de passar pela experiência no monastério, não parece estar; a estranha lógica do incrível Khodja instaura o absurdo, desperta o riso e provoca a reflexão sobre ser, existir, diferenciar-se do Outro, procurar a si mesmo a fim de se encontrar; eis a questão da identidade, tão cara ao pensamento místico.

Ao subverter a lógica e abrir espaço para a encenação do ridículo e, em especial, do absurdo, Nasreddin também desnuda a pretensão, o egoísmo, a ambição, a hipocrisia, a vaidade, a preguiça, o preconceito, o conformismo, o devaneio, entre outras tendências humanas, levando-nos, pelo delicioso sabor do riso, a experimentar a trilha expressa pelo milenar aforismo grego "conhece-te a ti mesmo".

Essa faceta ambígua de nosso herói associada ao seu inusitado método e ao teor reflexivo de suas anedotas vêm conquistando públicos cada vez mais diversos no mundo ao longo do tempo, indo muito além da vasta área de influência turco-islâmica. Se as anedotas de Nasreddin Khodja já circulavam, ao menos oralmente, pelos Bálcãs no século XVII, elas também não deixaram de alcançar o oeste da Europa na esfera letrada: durante o longo período em que morara em Constantinopla, o orientalista francês Antoine Galland (1646-1715), primeiro tradutor das *Mil e uma noites*<sup>19</sup>, conheceu as historietas do tolo sábio e elas lhe chamaram tanto a atenção que, além de traduzir do turco ao francês algumas dessas anedotas e inseri-las na obra *Les paroles remarquables, les bons mots et les maximes des orientaux*<sup>20</sup>, ele também realizou uma cópia completa de um manuscrito turco com facécias de Nasreddin Khodja; atualmente, esse manuscrito de Galland se encontra na Biblioteca Nacional da França, junto a outros manuscritos turcos também dedicados a essa personagem.

Na segunda metade do século XIX, em meio ao *boom* dos estudos orientais na Europa, surgiu, a partir de uma tradução direta de manuscritos turcos por Jean Adolphe Decourdemanche (1844-1916), a obra *Les*

<sup>18</sup> DAMIEN, Christiane. *As aventuras de Nasreddin Hodjá*. São Paulo: Attie. (Prelo)

<sup>19</sup> *LES MILLE ET UNE NUITS*. Traduction d'Antoine Galland. Paris: Garnier, 1955. 3 v.

<sup>20</sup> GALLAND, Antoine. *Les paroles remarquables, les bons mots et les maximes des orientaux*. Paris: Simon Benard, 1694.

*plaisanteries de Nasr-Eddin Hodja*<sup>21</sup>. No início do século XX, o folclorista alemão poliglota Albert Wesselski publicou *Der Hodscha Nasreddin*<sup>22</sup>, uma coletânea que envolveu fontes diversas – entre as quais as anotações do príncipe moldavo Dimitrie Cantemir – registradas em várias línguas, como turco, árabe, berbere, sérvio, maltês, grego, croata, siciliano e calabrês. Mas foi somente na segunda metade do século XX, em 1966, a partir de *The Exploits of the Incomparable Mulla Nasrudin*, de Idries Shah<sup>23</sup>, que esse protagonista de fato se popularizou no Oeste Europeu e nas Américas.

Como consequência dessa ampla disseminação de suas anedotas em diversos países do Oriente e do Ocidente, veio também o reconhecimento de seu valor cultural e de seu importante papel no diálogo entre culturas e civilizações pela Unesco, que homenageou Nasreddin Khodja ao longo do ano de 1996 (“Unesco Nasreddin Hodja Year”), reunindo povos de diferentes nacionalidades em uma série de atividades culturais, seja para celebrar a personagem e suas anedotas, seja para promover ampla discussão entre pesquisadores da área.

No campo da circulação de suas anedotas entre o grande público, nas duas primeiras décadas do século XXI, além de termos surgir no mercado editorial europeu um novo impulso em publicações de traduções das facécias de Nasreddin Khodja, também pudemos acompanhar a enorme disseminação de suas historietas pela internet, em *blogs* e em *sites*, bem como em redes sociais como Facebook e WhatsApp.

Assim, se no passado a figura de Nasreddin Khodja se difundia de boca em boca ou na pena de copistas do mundo islâmico, na contemporaneidade essa personagem, da mesma maneira, continua a circular na oralidade e na escrita, só que agora envolve também o mundo digital. Na medida em que vai percorrendo vários territórios, tal como ocorre há séculos, ele vai absorvendo histórias variadas pertencentes, de início, a outras personagens; um caso bastante ilustrativo desse

<sup>21</sup> DECOURDEMANCHE, Jean Adolphe. *Les plaisanteries de Nasr-Eddin Hodja*. Paris: Ernest Leroux, 1876.

<sup>22</sup> WESSELSKI, Albert. *Der Hodscha Nasreddin*. Leipzig: A. Duncker, 1911.

<sup>23</sup> SHAH, Idries. *The Exploits of the Incomparable Mulla Nasrudin*. London: Isf Publishing, 2015.

fenômeno, ocorrido agora na esfera digital e observado, em nosso caso, em línguas modernas, é uma historieta denominada “Nasrudin e a Peste”, aqui transcrita conforme circulou em diferentes redes sociais, principalmente entre março e abril de 2020:

A Peste ia a caminho de Bagdá quando encontrou Nasrudin. Este lhe perguntou:

— Aonde vais?

A Peste respondeu-lhe:

— Bagdá, matar dez mil pessoas.

Depois de um tempo, a Peste voltou a encontrar-se com Nasrudin.

Muito zangado, o mulá disse-lhe:

— Mentiste-me. Disseste que matarias dez mil pessoas e mataste cem mil.

E a Peste respondeu-lhe:

— Eu não menti, matei dez mil. O resto morreu de medo.

(Conto da tradição sufi<sup>24</sup>)

Essa breve narrativa atribuída a Nasreddin, ou Nasrudin, como é mais conhecido no Oeste Europeu e nas Américas, circula em revistas e livros de língua inglesa e francesa desde, pelo menos, o início do século XX, tendo como interlocutores da Peste outras personagens. Como exemplo, no livro *The Physiology of Faith and Fear or the Mind in Health and Disease* (1912), do psiquiatra norte-americano William Samuel Sadler

---

<sup>24</sup> Entre várias páginas da internet que citam essa história, cf. as seguintes: MACHADO, Júlio. Nasrudin e a peste (Conto da tradição sufi.). *Bibliotecas Clara de Resende. Blog*. Disponível em: <http://bibliotecaescolarclararesende.blogspot.com/2020/04/nasrudin-e-pesto-conto-da-tradicao-sufi.html>. Acesso em: 17 nov. 2020. FALJAOU, Amid. Les contes soufis, le pape Grégoire et notre peur ancestrale du corona. *Tendences/Trends*. 18 mar. 2020. Disponível em: <https://trends.levif.be/economie/magazine/les-contes-soufis-le-pape-gregoire-et-notre-peur-ancestrale-du-corona/article-normal-1266041.html>. Acesso em: 17 nov. 2020. METTAN, Guy. La politique de la peur, ça suffit!, *Bon pour la tête*. 13 abr. 2020. Disponível em: <https://bonpourlatete.com/actuel/la-politique-de-la-peur-ca-suffit>. Acesso em: 17 nov. 2020. FITTS, Catherine Austin. *Nasrudin and the Plague. Solari Report*. 21 fev. 2020. Disponível em: <https://home.solari.com/catherines-money-markets-report-march-05-2020/>. Acesso em: 17 nov. 2020. NANTE, Bernardo. El coronavirus y la pandemia del miedo. *TN y La Gente*. 12 mar. 2020. Disponível em: [https://tn.com.ar/opinion/el-coronavirus-y-la-pandemia-del-miedo\\_1041970/](https://tn.com.ar/opinion/el-coronavirus-y-la-pandemia-del-miedo_1041970/). Acesso em: 17 nov. 2020.

(1875-1969)<sup>25</sup>, o autor conta essa mesma narrativa a fim de ilustrar seu argumento sobre a atuação do fator psíquico na resistência do corpo, porém, em seu registro, o interlocutor da Peste é um “peregrino oriental”. Outro exemplo dessa mesma narrativa aparece na revista bilíngue *France-Asie*<sup>26</sup>, na qual George B. Walker registra essa história como um conto persa e o traduz desse idioma para o francês; aqui, no lugar do peregrino oriental, temos um “sufi” na função de interlocutor da Peste. Com a popularização da internet, passou a circular na primeira década de nosso século, como já dito, em *blogs*, *sites* e em redes sociais, em língua inglesa, portuguesa, francesa e espanhola, essa mesma narrativa, porém, o interlocutor da Peste já não é um sufi ou um peregrino oriental, é o próprio Nasreddin. Observemos que, no processo de atribuição da narrativa a essa personagem, se mantém a figura do oriental, mas se oblitera uma personagem anônima, inexpressiva para enfrentar a Peste, a fim de inserir nada menos que o divino Nasreddin para cumprir tal função. Outro ponto a ser observado é que, diferentemente das versões impressas em inglês e em francês aqui mencionadas, há em “Nasrudin e a Peste” das páginas da internet o lembrete “Conto da tradição sufi” ao final do texto, sempre mantido nas versões digitais em inglês, francês e espanhol, reforçando, nos meios culturais europeu e americano, a identificação de Nasreddin com a tradição sufi, tendência esta verificada nos livros de Idries Shah, grande divulgador dessa personagem no Ocidente.

Poderíamos, então, nos perguntar quais seriam os possíveis efeitos dessa mudança de personagem para a anedota em questão. Entre os que já conhecem Nasreddin, o teor dessa história pode ganhar maior penetração, afinal, trata-se da figura de um mestre da sabedoria popular que há séculos tem instigado seus ouvintes/leitores a ver a vida por outras perspectivas; para aqueles que ainda não o conhecem, sua menção pode, no mínimo, conferir maior credibilidade para a matéria narrada em relação àquela cuja personagem sequer é definida. Assim, seguindo a tendência já constatada na tradição letrada desde o século XV, de se

<sup>25</sup> SADLER, William Samuel. *The Physiology of Faith and Fear or the Mind in Health and Disease*. Chicago: A. C. McClurg & Co., 1912. p. 270-271.

<sup>26</sup> Cf. WALKER, George B. Cinq contes Persans. *France-Asie, Revue bilingue des problèmes asiatiques et de synthèse culturelle*, v. 7, n. 65, p. 461-163, out. 1951.



atribuir a Nasreddin histórias pertencentes a outras personagens ou a outras tradições culturais, observamos, em línguas modernas, mais uma anedota entrar para o rol das historietas protagonizadas por esse herói popular, porém, agora, após a revolução digital por que passamos, esse fenômeno se dá também no mundo da internet.

Sobre tal texto cabe ainda, a título de desfecho, uma observação. Entre março e abril do ano de 2020, quando a pandemia da Covid-19 já havia alcançado praticamente todo o planeta, o riso fez-se muito presente como uma reação contra o terror da morte, contra o medo da doença que circulava invisível, contra o temor arquetípico da peste. Então, nesse período, entre os inúmeros *memes*, também circulou amplamente na internet, em redes sociais e em sites de países mais a leste ou a oeste de nosso planeta, ao menos em inglês, em espanhol, em francês e em português, a anedota já referida “Nasrudin e a Peste”. Nesse momento em que os humanos lançaram mão do humor para rir de sua própria miséria, a fim de tornar o fardo mais leve, lá estava, mais uma vez, a figura de Nasreddin Khodja, entre Oriente e Ocidente, instigando-nos a refletir sobre nossa condição, a pensar sobre nossas ações, a buscar o que somos.

Nasreddin Khodja, herói popular de inúmeras anedotas cultivadas inicialmente na esfera de influência turco-islâmica, é uma figura que vem atravessando séculos, habitando o imaginário de diferentes povos, divertindo gerações e gerações e levando seu mundo aos mais distantes lugares, para muito além das fronteiras dos países onde é parte do folclore. Uma vez que conhecemos esse mundo tecido em torno do divino Nasreddin Khodja, cada anedota findada é um convite para nos pretermos aos fios de mais uma de suas infindáveis histórias.

## Referências

ATTIE FILHO, Miguel. *Marcas e pensamentos: notas a uma História do Pensamento da Terra*. São Paulo: Attie, 2015.

BASSET, René. Recherches sur si Djoh'a. In: MOULIÉRAS, A. *Les fourberies de Si Djeh'a, contes kabyles*. Paris: Ernest Leroux, 1892.

BORATAV, Pertev Naili. Autour de Nasreddin Hoca. *Oriens*, Leiden: Brill, v. 16, p. 194-223, 31 dez. 1963.

CANTEMIR, Dimitrie. *Histoire de l'Empire Othoman où se voyent les causes de son aggrandissement et de sa décadence*. Paris: Chez Despilly, 1743. Tomo 1.

CHRISTENSEN, Arthur. Júhí in the Persian literature. In: ARNOLD, T. W.; NICHOLSON, R. A. (orgs.). *A Volume of Oriental Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1922.

DAMIEN, Christiane. *As aventuras de Nasreddin Hodjá*. São Paulo: Attie. (Prelo)

DECOURDEMANCHE, Jean Adolphe. *Les plaisanteries de Nasr-Eddin Hodja*. Paris: Ernest Leroux, 1876.

DÉJEUX, J. Djoħa et la nâdira. *Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*, n. 77-78, p. 41-49, 1995.

FALJAOUI, Amid. Les contes soufis, le pape Grégoire et notre peur ancestrale du corona. *Tendences/Trends*. 18 mar. 2020. Disponível em: <https://trends.levif.be/economie/magazine/les-contes-soufis-le-pape-gregoire-et-notre-peur-ancestrale-du-corona/article-normal-1266041.html>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FITTS, Catherine Austin. Nasrudin and the Plague. *Solari Report*. 21 fev. 2020. Disponível em: <https://home.solari.com/catherines-money-markets-report-march-05-2020/>. Acesso em: 17 nov. 2020.

GALLAND, Antoine. *Les paroles remarquables, les bons mots et les maximes des orientaux*. Paris: Simon Benard, 1694.

HAMMER-PURGSTALL, Joseph Freiherr von. *Histoire de l'Empire Ottoman*. Paris: Imprimerie de Béthune et Plon, 1844. Tomo 1.

IBN, al-NADĪM; ABU, al-Faraj Muhammad. *Kitāb al-Fihrist mit Anmerkungen herausgegeben von Gustav Flügel*. Leipzig: Verlag von F. C. W. Vogel, 1871.

LES MILLE ET UNE NUITS. Traduction d'Antoine Galland. Paris: Garnier, 1955. 3 v.

MACHADO, Júlio. Nasrudin e a peste (Conto da tradição sufi.). *Bibliotecas Clara de Resende. Blog*. Disponível em: <http://bibliotecaescolarclararesende.blogspot.com/2020/04/nasrudin-e-pesto-conto-da-tradicao-sufi.html>. Acesso em: 17 nov. 2020.

MARZOLPH, U. Naṣr al-Dīn Khodja. In: *EI2*, t. VII, p. 1018-1019.

METTAN, Guy. La politique de la peur, ça suffit! *Agefi.com*. 13 abr. 2020. Disponível em: <https://www.agefi.com/home/acteurs/detail/edition/online/article/la-politique-de-la-peur-ca-suffit%21-495588>. Acesso em: 17 nov. 2020.

NANTE, Bernardo. El coronavirus y la pandemia del miedo. *TN y La Gente*. 12 mar. 2020. Disponível em: [https://tn.com.ar/opinion/el-coronavirus-y-la-pandemia-del-miedo\\_1041970/](https://tn.com.ar/opinion/el-coronavirus-y-la-pandemia-del-miedo_1041970/). Acesso em: 17 nov. 2020.

PELLAT, Charles. Djuḥā. In: *EI2*, t. II, p. 590-592.

SADLER, William Samuel. *The Physiology of Faith and Fear or the Mind in Health and Disease*. Chicago: A. C. McClurg & Co., 1912.

SHAH, Idris. *The Exploits of the Incomparable Mulla Nasrudin*. London: Isf Publishing, 2015.

TRIMINGHAM, J. Spencer. *The Sufi Orders in Islam*. London: Oxford University Press, 1971.

WALKER, George B. Cinq contes Persans. *France-Asie, Revue bilingue des problèmes asiatiques et de synthèse culturelle*, v. 7, n. 65, p. 461-163, out. 1951.

WESSELSKI, Albert. *Der Hodscha Nasreddin*. Leipzig: A. Duncker, 1911.

YAZICI, Tahsin. Kalandar, Kalandariyya. In: *EI2*, t. IV, p. 472-474.